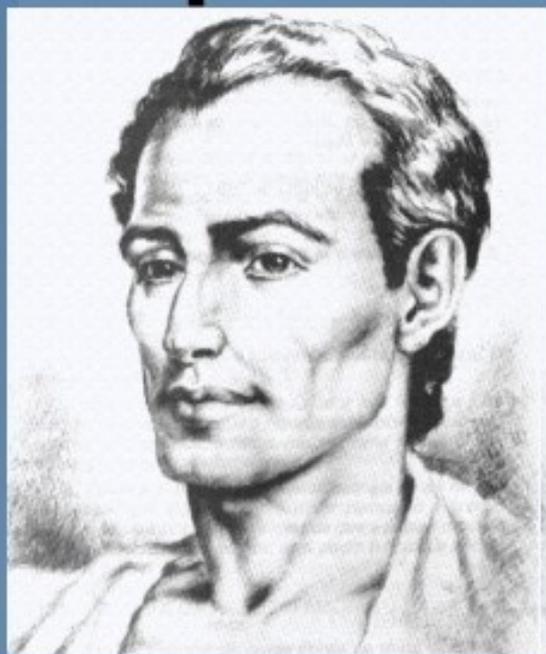


Religião dos Espíritos



Emmanuel

Psicografia - Chico Xavier

CAPÍTULO LXXXII – O outro

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXII)

Iniciamos o estudo da obra “Religião dos Espíritos” de Emmanuel – psicografada pelo médium Francisco Cândido Xavier – publicada em 1960 pela Federação Espírita Brasileira.

Nesta construção apresentaremos o próprio capítulo e complementos, visando enriquecer o conhecimento.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXII)

Índice

Assunto	Origem	Página
Capítulo LXXXII – O outro	O Consolador	04
Complementos		
Na empatia, o outro é o outro	O Consolador	06
O sofrimento dos outros	O Consolador	08
Resolvendo conflitos	O Consolador	12

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXII)

O outro Reunião pública 20 / 11 / 1959 Questão 630

Se já recolheste migalha de luz, diminui a sombra no outro. Vê-lo ás, em toda parte, esperando-te auxílio.

Esse apela para teu pão.

Aquele aguarda a sombra de tua veste.

Esse, esmola bagatela de tua bolsa.

Aquele roga um minuto de gentileza.

Entretanto, mais que isso, o outro pede compreensão.

Estava pressionado e feriu-te.

Falava sem pensar e disse a palavra que te magoou.

Superestimou a si mesmo e rolou no charco.

Enlouqueceu e tenta arrastar-te ao desequilíbrio.

Ainda quando te faça perder as últimas forças nas últimas lágrimas, compadece-te dele e ampara sempre.

Se soubesse o que sabes, não seria problema.

Se pudesse sustentar-se, não cairia.

Muitas vezes terá tido o propósito de acertar, mas, perdido no nevoeiro da ignorância, tomou o erro pela verdade.

Estimaria, decerto, sentir como sentes; contudo, ainda não recebeu no caminho as oportunidades que recebeste.

Se te ironiza, oferece-lhe paciência.

Se te ofende, consagra-lhe paciência maior. Ainda mesmo em se mostrando embaraçado no crime, não lhe roubes o testemunho de amizade e esperança, porque amanhã, colhido no esfogueante tribunal do remorso, lembrará teu consolo como gota de bênção.

Se és a vítima, compadece-te ainda mais, porque não desconheces quanta dor há na conta da vida para o verbo que amaldiçoa e para a mão que apedreja.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXII)

O outro é pedaço de nossa história, retratista de nossos atos, espelho de nossas aquisições, reflexo de nós mesmos.

Em casa, é quem te comunga a faixa doméstica.

No mundo, é o companheiro de experiência, seja na taça da simpatia ou no gral da aversão.

Desse modo, sempre que impelido ao discernimento do bem, pensa no outro...

Seja quem seja, será sempre a notícia do bem que vibre em tua alma, porque o bem que lhe ofertes é o bem verdadeiro que a Lei te credita no livro da consciência.

A árvore é julgada pelos frutos.

A criatura é vista pelas próprias obras.

Em todos os sucessos que partilhemos, alguém nos carrega a imagem.

Aquilo, pois, que fizeste ao outro, a ti mesmo fizeste.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXII)

Na empatia, o outro é o outro

Talvez seja a parte mais difícil, ou o desafio maior, no campo da empatia, a compreensão de que para sermos empáticos devamos entender que o outro é o outro.

Mas como assim? Se ao exercitar a empatia eu deva me colocar no lugar do outro, estender-lhe as mãos, oferecer-lhe o ombro amigo, aconchegá-lo nas minhas vibrações de paz e de carinho, ajudá-lo a resolver os problemas pelos quais está passando e mostrar-lhe um caminho de possibilidades a percorrer?

Como assim, na empatia, o outro é o outro?

Pois bem! Diante desses questionamentos, possamos entender e compreender que ao nos colocarmos no lugar do outro não significa substituir o outro, nem ser o outro. É termos a consciência de que devemos fazer ao outro somente aquilo que gostaríamos que nos fosse feito, conforme nos ensina o mestre Jesus, no evangelho de Mateus, capítulo 7, versículo 12.

É estarmos com o outro, praticando a virtude da misericórdia, colocando o coração a serviço do outro, a fim de auxiliá-lo nas resoluções dos conflitos. É assisti-lo na parte que nos cabe, dando-lhe suporte para que ele (o outro) possa tirar as próprias conclusões e decidir por si mesmo, fazendo o uso do seu poder de escolhas, caso tenha condições para isso.

A título de ilustração, recordemos a passagem evangélica de João, capítulo 8, versículos 1 a 11, que trata do episódio intitulado “A mulher adúltera”, levada a julgamento (apedrejamento) em praça pública, sendo um dos exemplos de empatia vivenciados pelo mestre Jesus.

Durante o julgamento que se resultaria em apedrejamento, embora Jesus tenha se posicionado ao lado da referida mulher, passando-lhe vibrações positivas naquele momento difícil e correndo o risco de também ser apedrejado, não a substituiu na questão que cabia somente a ela resolver, justamente porque o outro é o outro.

Jesus, ao escrever no chão, e ordenando aos que não tivessem pecado que atirassem pedra sobre aquela mulher, a “ficha foi caindo” na consciência de cada um dos acusadores, pelo que foram saindo daquele local, um a um, começando pelos mais velhos até o mais novo de todos.

Ficando a sós na praça pública, Jesus disse àquela mulher que ele também não a condenaria, pelo que entendemos que naquele instante o mais importante para Jesus era praticar a empatia. Estar ao lado dela, dando-lhe força naquele momento de crise pelo qual ela passava.

Ao recomendar-lhe “vai e não voltes a errar”, o mestre Jesus estava liberando-a para que ela pudesse seguir o seu próprio caminho, levando consigo as lições na bagagem, para que ela mesma, no exercício do seu livre-arbítrio, fosse resolvendo as suas pendências pelo caminho.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXII)

Diante do exposto, fica a sugestão para todos nós, espíritas ou não, ao exercer a empatia, tenhamos o devido cuidado em não nos envolvermos no problema do outro a ponto de nos confundirmos com o outro nas complicações dos desafios que cabem ao outro resolver; em não nos tornarmos intrusos na vida do outro; em não impormos ao outro que siga à risca as nossas orientações.

O empático não está em posição superior ao outro e deve sempre respeitar as suas decisões, porque, na verdadeira empatia, o outro é o outro.

Yé Gonçalves, – Na empatia, o outro é o outro – O Consolador – Nº 668 – 03/05/2020

O sofrimento dos outros

O sofrimento dos outros não é o meu. Isso é evidente. Ninguém consegue sentir o que o outro sente.

Não estamos dentro dele, não habitamos o seu corpo, fisicamente nos é impossível sentir as dores que não sejam as nossas. Isso faz da dor e do sofrimento, de certo modo, algo do foro íntimo, inteiramente pessoal e intransmissível. Mas não tem de ser um ato solitário.

Quando uma mãe ou um pai vê o seu filho sofrer, indubitavelmente sofre com ele. Quando amamos alguém que sofre, sentimos a sua dor como nossa. Se isso não nos é possível do ponto de vista físico, o é do ponto de vista psicológico e espiritual. Não sentimos a dor carnal, mas sofremos a dor de ver quem amamos imerso em algo que o incomoda e tudo fazemos para minorar a sua dor.

Se não conseguimos, a nossa dor acentua-se ainda mais, pela incapacidade de valer ao outro naquilo que o apoquentá. Chama-se a isso empatia.

Jesus, nosso Maior Modelo, chamou-nos a atenção para a necessidade de nos colocarmos “na pele” do outro. Fê-lo por diversas vezes e em diferentes circunstâncias.

A Sua intenção foi sempre uma: ensinar-nos o Amor. O Amor é o grande motor da Vida. O Amor é a Lei de Deus em Ação. O Amor é o motivo da Criação. E é também o motivo da nossa existência e das sucessivas reencarnações, de que ainda não conseguimos, libertar-nos.

Ainda não aprendemos a vivenciá-lo, a gerirmo-nos por ele. É a principal aprendizagem que temos que almejar. Mas ainda estamos muito longe sequer de o entender. Quanto mais de o viver em plenitude.

Entendemos o Amor como algo que desejamos receber. Mas o Amor é doação. É aquilo que conseguimos dar. Se não... não é Amor. Entendemos o Amor como posse.

Posse da pessoa que dizemos amar (e que amamos, de alguma forma, à nossa maneira, mas longe de ser a do Amor verdadeiro), seja o companheiro/companheira, os filhos, os amigos... Mas o Amor não é posse. É o desejo da felicidade do outro, e isso só é possível pelo respeito da sua individualidade, dos seus próprios desejos, do caminho que ele próprio tem de percorrer, independentemente de ser o que nós desejaríamos para ele, de estar ou não ao nosso lado, ou até de conseguirmos ou não entender as suas opções.

Dizemos que só a felicidade nos traz o amor, fazemos até depender a nossa felicidade da presença do ser amado, esquecendo que o Amor, traz-nos felicidade sim, se a felicidade for saber que o outro é feliz, independentemente de os nossos caminhos se cruzarem ou correrem lado a lado.

Não é fácil entender o Amor da forma como Jesus no-lo apresentou.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXII)

O Amor como Lei geradora de Vida plena, integrada na grande Lei do Pai. Um Amor sublime e sublimado, que se estende não só aos que nos são mais próximos e mais queridos, um Amor para além das paixões humanas, que se transforma de sensação em sentimento puro.

Somos ainda muito pouco espiritualizados para perceber o alcance, em todo o seu esplendor, desse manancial de sentimentos de que nos falava o Doce Jesus.

Nos tempos recuados em que o Mestre pisou na Terra, por aqui andávamos ainda como seres muito primitivos, no que respeita aos sentimentos e ao interesse que os outros despertavam na nossa vida egoísta, completamente, virada apenas para os nossos interesses materiais e ânsias de poder e bem-estar físico.

Concentrávamo-nos exclusivamente em nós e tudo o que saísse desses moldes ultrapassava a nossa capacidade de entendimento e aceitação. Ao ponto de destruímos tudo e todos os que quisessem, alertar-nos para algo maior ou se atrevessem a afrontar os nossos interesses mais mesquinhos.

Foi o que fizemos com Jesus, esse Modelo Superior que nos apontava caminhos bem diversos dos que estávamos habituados e queríamos continuar a trilhar.

Foi o que fizemos ao mandá-lo para a cruz. Mas, mesmo aí, na dor suprema da cruz, Ele não se coibiu de nos ensinar. “Perdoa-lhes Pai, eles não sabem o que fazem.”

O que fez Jesus, naquele instante?

De que modo conseguiu ele perdoar-nos? Ele conhecia-nos profundamente. Sabia da nossa pequenez.

Por um ato de puro Amor, colocou-se na nossa pele, colocou-se no lugar desses seres pequenos que o condenavam por ignorância das Leis do Pai, por primitivismo, por teimarem em nada saber das verdades espirituais, por se fazerem cegos e surdos aos ensinamentos que ele amorosamente espalhava.

Mas, com o conhecimento profundo que tinha desses seres, nós, sabia que mais cedo ou mais tarde, dando cumprimento à Lei de Evolução, a que não poderíamos fugir, surgiria o dia em que entenderíamos o nosso erro e teríamos de reparar, fosse pelo Amor ou pela Dor. Então, num ato de empatia, não só não nos condenou como pediu ao Pai que nos perdoasse.

Naquele instante de sofrimento, em que o Ser Jesus, em toda a Sua humanidade, via esvair de si a vida corporal, pela ignorância e maldade daquela humanidade que Ele tanto amava, ao ponto de enfrentar o primitivismo terreno para ensinar caminhos novos de redenção, esse momento de Sublime Perdão mais não foi que o culminar da Sua missão, em que o ensino do Amor sempre foi o fio condutor.

“Amai-vos uns aos outros”,

“Amai o vosso próximo como a vós mesmos”,

“Perdoai setenta vezes sete vezes”,

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXII)

“Não façais aos outros o que não quereis que vos façam a vós”,
“Fazei aos outros o que quereíeis que vos fizessem”... E a culminar:
“Amai a Deus acima de todas as coisas” e “Sede perfeitos”.

Foram estes os conselhos dados pelo Seu Amor sem limites. Ele sabia que só através desse Amor se cumpriria a nossa destinação como seres criados pelo Amor do Pai. Mas de que modo, nós, seres ainda tão imperfeitos, poderemos cumprir esses conselhos dados pelo Mestre Jesus? Como poderemos atingir esse Amor sem limites? Nós que, passados mais de dois mil anos, pouco evoluímos ainda? Dando pequenos passinhos.

Só se sobe uma escada subindo degrau a degrau. Só se palmilham quilómetros, dando um passo atrás do outro. Começemos por aqueles que estão mais próximos.

Começemos por aqueles que também nos amam, mas também por aqueles que não nos querem bem, ou até desejam o nosso mal, ou contribuem para o nosso sofrimento. Coloquemo-nos no seu lugar – empatia -, tentemos perceber as suas razões, tentemos perceber o seu estado de atraso ou ignorância, que faz com que optem por atitudes que a nós nos parecem erradas ou inconcebíveis. Tentemos, mesmo, perceber até que ponto não tenhamos contribuído para as suas atitudes e negativismo.

Então... atrevamo-nos ao perdão. Sintamos como a capacidade de perdoar, mais ainda do que beneficiar o perdoado, nos beneficia a nós, fazendo-nos sentir bem com nós próprios, aliviando-nos de sentimentos que nos causavam mal-estar, tornando-se entrave à saúde, física, mental e espiritual.

Pensem nos que, perto ou longe de nós, sofrem. Vivemos, nos tempos atuais, momentos de particular sofrimento pelo mundo, causado pelos mais variados motivos (guerras, doenças, pandemias, discriminações, racismo, escravidão, pobreza, calamidades físicas...).

Às vezes nem precisamos de ir muito longe para encontrar a dor humana na sua forma mais atroz. Já para não falarmos nas dores escondidas, à espera que nos demos ao trabalho de as descobrir. Coloquemo-nos na pele dos que sofrem.

Poderemos fazer alguma coisa por eles? Haverá formas ao nosso alcance de minorar a dor dos outros? Quase sempre sim. Raramente não podemos fazer nada. Nem que seja através da prece sincera, sentida, colocando ao serviço dos benfeitores espirituais as nossas energias mentais e não só, de modo a que se sirvam delas no socorro aos infelizes.

Mas, para além da prece, muitas outras formas temos de auxiliar. Desde que sejamos capazes de nos colocarmos no lugar dos infelizes – empatia.

Se pensarmos bem, o sofrimento dos outros é também o nosso sofrimento. Somos parte de uma humanidade sofredora. Uma humanidade que, descurando as mil e uma, oportunidades de crescimento pela prática do Amor, infelizmente tem de ser espicada pelo aguilhão da Dor.

Uma humanidade que sofre, mas que está a caminho da redenção porque, mais uma vez, tem oportunidade de evoluir e de se encontrar como ser coletivo, em que todos estão num

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXII)

mesmo caminho para aprender o significado do Amor e se decidirem à sua vivência, seguindo os ensinamentos do nosso Mestre Planetário. Para que se cumpra a nossa destinação, é absolutamente necessário que comecemos por ver o sofrimento e a dor dos outros e consigamos senti-los como nossos.

De uma vez por todas, tentemos seguir o conselho de Jesus: “Fazei aos outros o que desejaríeis que vos fizessem a vós”. Coloquemos o “Amar a Deus sobre todas as coisas” em prática, através da vivência do Amor aos nossos semelhantes.

O sofrimento dos outros é o de nós todos. E podemos sempre fazer alguma coisa.

Maria de Lourdes Duarte, O sofrimento dos outros – O Consolador – Nº 693 – 25/10/2020

Resolvendo conflitos

O pai de Mateus, funcionário de uma grande empresa, fora promovido e seria transferido para outro país, e a família teria que se mudar para lá.

Após meses de preparação, viajaram para o novo país. Instalados na nova residência, tudo era novidade. Apesar de ter estudado inglês no Brasil, Mateus não entendia o que as pessoas diziam.

Na escola, ele não conseguia entender nem os colegas nem a professora. Essa situação, deixou-o estressado, e ele voltava para casa sempre nervoso e irritado. Não bastasse isso, ainda tinha um garoto que o ridicularizava perante toda a turma, caçoando dele.

Certo dia, Mateus entrou em casa triste e não quis almoçar. Dona Elza aproximou-se dele, carinhosa, e abraçou-o.

— Meu filho, eu sei que não está sendo fácil para você essa mudança de vida. Mas, com paciência, vamos resolver tudo.

Aconchegado à mãe, Mateus pôs-se a chorar, desabafando:

— A adaptação já não é fácil, mas tem um garoto que me perturba o tempo todo, mãe. Como Joe sabe que não entendo direito o inglês, ele fica me humilhando perante os demais.

— Meu filho, eu entendo o que você está passando. Todavia, sempre que alguém age dessa forma é porque também tem problemas. Certamente esse garoto não é feliz, pode acreditar — ela disse.

— Você acha mesmo, mãe?

— Acho não, tenho certeza! De qualquer modo, procure agir diferente com o Joe. Seja simpático, mostre cordialidade, sorria. Não há nada que o seu belo sorriso não consiga resolver. Aproxime-se dele, procure conversar.

Mais animado com as sugestões da mãe, no dia seguinte Mateus foi para a escola mais confiante. Sempre que o outro fazia uma das suas brincadeiras, Mateus não reagia, mostrando-se tranquilo e sorridente. Os dias passavam e o garoto não desistia de ridicularizá-lo, mas Mateus continuava agindo da mesma forma, alegre e simpático, o que conquistou os outros colegas, mas não Joe.

Certo dia, no horário do intervalo, vendo que Joe estava sozinho, Mateus aproximou-se com um sorriso.

— Olá!...

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXII)

O outro levantou a cabeça, com expressão fechada. Estranhava a maneira de agir do novato. Mateus sentou-se ao lado dele. Joe o fitava com o canto do olho, sem entender. De repente, Mateus tirou uma barrinha de chocolate do bolso e ofereceu-a ao colega.

Joe estava com fome, e aceitou-a. Começaram a conversar. Mateus falava um pouco em inglês e um pouco por mímica, e o outro achava graça. Por força do hábito, acabou falando em português, que Joe não entendeu nada. Ambos caíram na risada e um clima diferente se estabeleceu entre os dois garotos.

Mateus ficou sabendo que Joe estava muito triste e revoltado porque seus pais eram divorciados. Ele morava com a mãe, mas sentia muita falta do pai. Mateus condoeu-se da situação dele, pensando que sua mãe tinha razão, quando afirmou que o colega tinha problemas.

— Joe, eu imagino como você está sofrendo. Os casais se desentendem e se separam. Às vezes, é melhor separar do que ficar brigando o tempo todo. Mas você sempre vai ter o amor deles, pode acreditar.

— Eu sei, mas não consigo aceitar essa situação.

Penalizado, Mateus pensou um pouco e, convidou-o para ir até sua casa depois da aula, afirmando que a mãe tinha feito um bolo de chocolate muito bom.

Joe aceitou com prazer. Ele não gostava de voltar para casa.

Bateu a sineta e voltaram à sala de aula. O ambiente agora, porém, era completamente diferente. Joe avisou a mãe que ia visitar um amigo e acompanhou Mateus até a casa dele.

Chegando a casa, a mãe de Mateus ficou muito contente ao ver o filho com o garoto que, até então, era o maior problema dele na escola. Joe contou a ela que os pais eram divorciados. Que o pai gostava de beber e, quando isso acontecia, ele ficava violento. Às vezes ele batia na mãe que, não aguentando mais, resolveu se separar. Porém, ele sabia que ela estava sofrendo, pois à noite, sozinha no quarto, ele a ouvia chorar.

Cheia de compaixão, Elza considerou:

— Joe, quando um casal não se entende mais, é preferível a separação para que não aconteça algo pior. Além disso, tudo muda! A oração opera milagres. Sempre que se lembrar do seu pai, envolva-o com carinho. Pense que você está lhe dando um abraço a distância. Faça o mesmo com sua mãe.

— Vou tentar. Isso ajuda?

— Muito. Seus pais precisam de ajuda. Procure também conversar com seu pai. Fale a ele da necessidade de parar de beber. Incentive-o a procurar um grupo de apoio, e quem sabe, a situação melhora?

O garoto ficou todo animado. Sabia que o pai ainda gostava da sua mãe e que também estava sofrendo com a separação.

RELIGIÃO DOS ESPÍRITOS – (CAPÍTULO LXXXII)

Os garotos tornaram-se amigos e visitavam-se com frequência. Eles ajudavam-se mutuamente com o idioma, cada um ensinando ao outro a própria língua.

Algum tempo depois, Dorothy, a mãe de Joe, junto com o marido e o filho chegaram à casa de Mateus.

Recebidos com muito carinho pelos donos da casa, Dorothy contou-lhes a novidade:

— Meu marido e eu vamos fazer nova tentativa. Ele parou de beber e está bem. Então, seremos uma família de novo! — exclamou, trocando com o marido um olhar cheio de amor e de esperança.

Todos estavam felizes com a solução do problema. Joe, com os olhos brilhando, disse:

— Devo tudo a vocês, que foram meu maior apoio durante esse tempo todo. Obrigado.

Elza sorriu e considerou:

— Agradeçamos a Jesus! Ele é que os amparou e fortaleceu para que pudessem resolver seus conflitos.

Joe sugeriu que fizessem uma prece e todos concordaram. E ali, as duas famílias reunidas, agora por laços de afeto profundo, elevaram os pensamentos a Jesus, cheios de gratidão.

Meimei

(recebida por Célia X. de Camargo em 31/01/2011)

Célia Xavier de Camargo, Resolvendo conflitos – O Consolador – Nº 197 – 20/02/2011